

O CONCEITO DE DOUTA IGNORÂNCIA E O FAZER BIBLIOTECONÔMICO

perspectiva para uma abertura à decolonialidade

Gerson Moreira Ramos Junior

Universidade Federal do Espírito Santo

g.ramosjunior@gmail.com

Resumo

Este artigo intenta explorar a interseção entre o conceito de "douta ignorância", proposto pelo filósofo e cardeal Nicolau de Cusa, e a prática biblioteconômica contemporânea. Partimos da premissa de que a douta ignorância pode oferecer uma perspectiva epistemológica profícua para o pensamento decolonial, na medida em que reconhece as limitações do conhecimento, promovendo uma abertura para o diálogo intercultural e para a superação das hierarquias epistêmicas. Ao mesmo tempo, conectamos essa ideia com o agir comunicativo habermasiano, que propõe o diálogo como base para a construção de consensos racionais e democráticos. O artigo argumenta que a articulação dessas três perspectivas oferece uma compreensão mais profunda das possibilidades de emancipação social e epistemológica em contextos pós-coloniais via fazer e saber biblioteconômico. A pesquisa sugere que a prática biblioteconômica que não apenas organiza e dissemina informações mas lida com a incerteza e as lacunas do conhecimento, evocando a perspectiva teorizada por Cusa e desdobrando-a no tempo presente das novas possibilidades epistemológicas abertas pelos estudos decoloniais, pode encontrar caminho para lidar com seu passado colonial. Conclui-se que, ao incorporar a douta ignorância, os profissionais da biblioteconomia podem adotar uma postura reflexiva e crítica diante da complexidade e das limitações da historicidade do conhecimento humano produzido.

Palavras-chave: Douta Ignorância; Prática biblioteconômica; Decoloniedade.

Abstract

This article aims to explore the intersection between the concept of "learned ignorance", proposed by the philosopher and Cardinal Nicholas of Cusa, and contemporary library practice. We start from the premise that learned ignorance can offer a crucial epistemological perspective for decolonial thinking, as it recognizes the limitations of knowledge, promoting an openness to intercultural dialogue and the overcoming of epistemic hierarchies. At the same time, we connect this idea with Habermasian communicative action, which proposes dialogue as the basis for the construction of rational and democratic consensus. The article argues that the articulation of these three perspectives offers a deeper understanding of the possibilities of social and epistemological emancipation in postcolonial contexts through library knowledge and practice. The research suggests that library practice that not only organizes and disseminates information but deals with uncertainty and knowledge gaps, evoking the perspective theorized by Cusa and unfolding it in the present time of the new epistemological possibilities opened by decolonial studies, can find a way to deal with its colonial past. It is concluded that, by incorporating learned ignorance, library professionals can adopt a reflective and critical stance in the face of the complexity and limitations of the historicity of human knowledge produced.

Keywords: Learned Ignorance; Library Science Practice; Decoloniality.



Esta obra está licenciada sob uma licença

Creative Commons Attribution 4.0 International (CC BY-NC-SA 4.0).

1 INTRODUÇÃO

A prática biblioteconômica tem como um de seus principais objetivos a organização, preservação e disseminação do conhecimento. No entanto, o conhecimento, em sua essência, é vasto e inexaurível, escapando muitas vezes à compreensão completa e definitiva dos seres humanos. Essa noção de limite no conhecimento possível é central no pensamento do filósofo alemão Nicolau de Cusa (1401-1464), que cunhou o conceito de "douta ignorância" (*docta ignorantia*), sugerindo que a verdadeira sabedoria consiste em reconhecer as limitações do que sabemos. Para tanto, o autor estrutura sua obra em três livros que se articulam para formar a ideia central conceito. O primeiro livro pretende aprofundar o estudo do máximo absoluto (máximo absoluto pode ser entendido por Deus na tradição Judaico-Cristã e por Olodumaré na tradição Iorubá), o segundo livro volta o olhar para o universo, de que o máximo absoluto é a causa e o princípio (terra / universo na tradição ocidental ou Ayê na tradição Iorubá), por fim, o terceiro livro procura encontrar o mediador entre o primeiro máximo e o segundo máximo, sendo necessário a este mediador participar da natureza absoluta do primeiro e da natureza contraída do segundo – o que na teoria judaico cristão pode ser traduzido por Jesus Cristo e na tradição Iorubá pode ser traduzido por Exu -. Propomos essa associação do conceito cusiano a outras cosmovisões, além do cristianismo, a partir de uma leitura hermenêutica filosófica presente na obra *verdade do método* (1900) de Gadamer, que nos permite atualizar as interpretações de modo dialógico e ético, a partir, da historicidade dos seres humanos que tomam contato com determinado texto. Assim, "analogamente à noção heideggeriana do Ser como determinante da condição humana, os seres humanos são ocasionalmente caracterizados por Gadamer como estando sob a tutela da história" (Kusch, 2001, p. 256).

Este artigo propõe uma análise filosófica das práticas biblioteconômicas à luz da *douta ignorância* de Nicolau de Cusa, argumentando que o reconhecimento dos limites do conhecimento não apenas é relevante para a filosofia, mas também tem implicações diretas para o fazer biblioteconômico numa perspectiva decolonial. Os bibliotecários, ao se depararem com a infinidade de informações e a complexidade do conhecimento, operam em um campo onde a incerteza e a parcialidade do saber são constantes. A reflexão sobre esses limites pode, portanto, enriquecer a prática profissional, tornando-a mais crítica e consciente de suas próprias limitações e possibilidades. Nosso interesse em associar o conceito de *douta ignorância* com o fazer biblioteconômico e da ciência da informação (CI) no Brasil e a perspectiva decolonial é contribuir para o que entendemos ser um problema a ser respondido

pela biblioteconomia e CI: Como áreas com forte vínculo colonial podem se apropriar e se posicionar, coerentemente, das e nas temáticas decoloniais? E, como serem propositivas de uma episteme decolonial em seus campos de estudo?

Para Cusa, a "douta ignorância" é a compreensão dessa limitação: saber que não se sabe tudo, mas que o esforço contínuo em busca do conhecimento ainda é valioso.

Para responder a esses questionamentos recorreremos ao conceito de *De Docta Ignorantia* (1440) ou "Douta Ignorância", central na filosofia de Nicola de Cusa, que se refere à ideia de que o verdadeiro conhecimento, especialmente de Deus e do universo, é inatingível pela razão humana. No entanto, essa consciência da nossa ignorância é, paradoxalmente, o ponto de partida para a sabedoria mais elevada. Nicolau de Cusa, em sua obra *De Docta Ignorantia* (1440), propõe que o conhecimento humano é inerentemente limitado e que, por mais que o ser humano se aproxime do saber absoluto, ele nunca o alcançará completamente. Essa ideia se baseia na crença de que há uma diferença qualitativa entre o conhecimento divino (infinito) e o conhecimento humano (finito).

Douta ignorância não é, pois, negação do conhecimento, mas a experiência-limite de suas possibilidades, que permite reconhecer o caráter conjectural de qualquer formulação e definir o processo cognoscitivo pela sua dimensão progressiva e inconclusa. E é precisamente sob esse ponto de vista que a "douta ignorância" se revela como ponto de partida para uma procura da verdade em que apenas há etapas aproximativas, mas nunca resultados definitivos. (André, p. 89, 2012)

Esse conceito está intimamente ligado à noção de humildade epistemológica. Ao reconhecer os limites do próprio conhecimento, o ser humano abre espaço para a curiosidade, a investigação e a aprendizagem contínua. No entanto, essa busca incessante pelo saber não deve ser vista como um fracasso, mas como uma manifestação da natureza dinâmica e expansiva do conhecimento humano.

Logo, assumirmos que ignoramos, enquanto sociedade, os conhecimentos produzidos pelos povos colonizados e diaspóricos, sobretudo, afro-diaspóricos, nos coloca em uma espécie de ajustamento de rota e nos possibilita a vivência de um ensinamento ancestral: "Caboclo toma cuidado, cuidado por onde andar! Quem anda em terra alheia, pisa no chão devagar!". Assim, nos colocaremos na arena discursiva decolonial abertos a aprender novas formas de lidar com as ideias de informação, conhecimento e ciência, por exemplo.

2 A PRÁTICA BIBLIOTECONÔMICA E O RECONHECIMENTO DA INEXAURIBILIDADE DO SABER

A biblioteconomia, enquanto disciplina voltada para a organização e a disseminação do conhecimento, enfrenta constantemente os desafios da complexidade informacional. Os bibliotecários são responsáveis por mediar o acesso a informações que, muitas vezes, estão fragmentadas, dispersas e em constante evolução. Nesse sentido, a prática biblioteconômica envolve não apenas a gestão do conhecimento disponível, mas também o reconhecimento das lacunas, das incertezas e das limitações que permeiam o universo informacional.

A douta ignorância de Cusa pode ser aplicada à prática biblioteconômica ao destacar a importância de uma abordagem reflexiva e crítica sobre o acervo de informações vasto e incompleto, o bibliotecário precisa reconhecer que o conhecimento disponível é sempre parcial e provisório. Esse reconhecimento pode levar a uma postura mais aberta e flexível, permitindo que o bibliotecário se torne um facilitador da aprendizagem, em vez de um pretense detentor do conhecimento sobre a organização dos saberes.

Para o nosso propósito, propomos duas formas de fazer essa aproximação entre biblioteconomia e o conceito de douta ignorância, a primeira aproximação é conjuntural, pois como bem definiu Teixeira em artigo de 1951, “Nicola Cusa foi um homem da transição que o período moderno experimentava, neste cenário ele esteve ligado à igreja pela sua fé e a renascença pela sua cultura”. Assim como identificamos estarem a biblioteconomia e a ciência da informação (numa espécie de fronteira entre diversas áreas do conhecimento) e ligadas ao mundo colonial e ligadas à decolonialidade pelas demandas que a esfera pública propõe atualmente.

A encruzilhada aponta para múltiplos caminhos, afinal, a noção de caminho assentada no signo Exu se compreende enquanto possibilidade, e não como certeza. Dessa forma, a encruza compreende a coexistência de diferentes rumos, é logo uma perspectiva pluriversalista. (...) A encruzilhada esculhamba a linearidade e a pureza dos cursos únicos, uma vez que suas esquinas e entroncamentos ressaltam as fronteiras como zonas pluriversais, onde múltiplos saberes se atravessam, coexistem e pluralizam as experiências e suas respectivas práticas de saber. (Rufino, 2018, p.78)

A segunda aproximação é hermenêutica compreendendo-o como um conceito que pode ser apropriado como uma virtude para bibliotecários e cientistas da informação, no sentido, de reconhecer que nossa prática não contempla a totalidade de nenhum conteúdo, pelo contrário, o ato de sistematizar e ordenar o conhecimento produzido pavimenta o caminho para novos questionamentos, interpretações e descobertas num contínuo inexaurível. Além disso, a prática biblioteconômica frequentemente lida com questões éticas relacionadas

ao acesso à informação e à privacidade. A douda ignorância oferece uma perspectiva ética valiosa ao sugerir que o bibliotecário deve atuar com humildade e responsabilidade, reconhecendo as limitações de seu próprio entendimento e a complexidade dos dilemas informacionais.

[...] parece ser que a fusão de horizontes, longe de ser de autoria do intérprete, é obra da tradição ou, mais especificamente, da linguagem [...] aqui, naturalmente, somos lembrados das afirmações de Heidegger de que a linguagem fala por nós e que nós deveríamos aceitá-la como nossa mestra. (Kusch, 2001, p. 256-257)

Sob a ótica da douda ignorância, o bibliotecário pode ser visto como um profissional reflexivo, que não apenas organiza e dissemina informações, mas também reflete sobre a natureza do conhecimento e suas próprias práticas. Esse papel reflexivo implica em questionar continuamente as próprias suposições e estar aberto a novas formas de compreensão.

Um exemplo, é a crescente e necessária discussão de novas epistemologias e formas de saber, ao reconhecer que a conformação atual das bibliotecas no Brasil é fruto do processo de colonização europeia de ao menos 400 anos, a douda ignorância pode servir como um guia para lidar com as antigas e novas epistemologias de maneira crítica, reconhecendo que, a conformação dos saberes nas estantes e seu próprio entendimento como saberes são fruto de uma disputa política, e esse entendimento introduz novas formas de atuação considerando as incertezas e os agenciamentos de uma sociedade em disputa.

Importa, portanto, dizer que não trazemos esse autor de forma fortuita ou irresponsável para a encruzilhada decolonial, mas antes, por entender que, em tendo sido uma opção do norte global de não reconhecer os saberes dos povos diaspóricos e originários como válidos, reconhecer-se pelos saberes próprios do norte global essa culpa e construir as pontes necessárias ao diálogo com os saberes e os conhecimentos produzidos pelo sul global. O que é evidenciado por Quijano (2005, p. 118).

Na América, a ideia de raça foi uma maneira de outorgar legitimidade às relações de dominação impostas pela conquista. A posterior constituição da Europa como nova identidade depois da América e a expansão do colonialismo europeu ao resto do mundo conduziram à elaboração da perspectiva eurocêntrica do conhecimento e com ela à elaboração teórica da ideia de raça como naturalização dessas relações coloniais de dominação entre europeus e não-europeus. Historicamente, isso significou uma nova maneira de legitimar as já antigas ideias e práticas de relações de superioridade/inferioridade entre dominantes e dominados. Desde então demonstrou ser o mais eficaz e durável instrumento de dominação social universal, pois dele passou a depender outro igualmente universal, no entanto mais antigo, o intersexual ou de gênero: os povos conquistados e dominados foram postos numa situação natural de inferioridade, e conseqüentemente também seus traços fenotípicos, bem como suas descobertas mentais e culturais. Desse modo, raça converteu-se no primeiro critério fundamental para a distribuição da população mundial nos níveis, lugares e papéis na estrutura de poder da nova sociedade. Em outras palavras, no modo básico de classificação social universal da população mundial. (Quijano, 2005, P.118)

Dito isso, compreendemos que o conceito de Cusa contribuí para que a área dê conta de seu passado colonial, pois antes de nos arvorarmos no campo da decolonialidade temos que reconhecer que somos uma área que sofreu e sofre as influências da colonização, que fomos (enquanto instituições) agentes de colonização durante muitos anos e que nossas práticas e epistemes ainda são, predominantemente, européias e estadunidenses. Um exemplo disso é a inexistência de pesquisa na base de dados Brapci que combine os termos “oralidade” e “suporte informacional” ou, a baixa recorrência de pesquisas sobre “oralidade”, apenas noventa e três registro na base de dados Brapci no intervalo temporal de 1977 a 2024.

Além disso, o bibliotecário reflexivo entende que o conhecimento é construído coletivamente e que sua função é facilitar o diálogo entre diferentes perspectivas e experiências. Ao abraçar a douda ignorância, o bibliotecário pode contribuir para um ambiente de aprendizagem mais inclusivo e pluralista, onde as limitações do conhecimento são reconhecidas e exploradas de forma construtiva.

Desta forma o conceito de douda ignorância pode ajudar-nos a compreender como o conhecimento disponibilizado nas estantes das bibliotecas e nas bases de dados é, para além de uma produção social - fruto de uma intensa ação comunicativa produzida em diversas ágoras discursivas (universidades, escolas, mídias, movimentos sociais, religiosos etc.) -, uma necessidade humana contínua, não estática e absoluta, mas fluída e, mais uma vez, inexaurível.

3 DECOLONIALIDADE, ESFERA PÚBLICA E O RECONHECIMENTO DA IGNORÂNCIA EPISTÊMICA

A douda ignorância não é um não-saber passivo, mas uma forma de saber que reconhece suas próprias limitações e abre espaço para o outro, para o diferente, para o inefável. Este reconhecimento das limitações do saber pode ser relacionado à crítica decolonial, que denuncia a imposição de um único padrão de racionalidade e de conhecimento válido, oriundo do Ocidente moderno, sobre diversas outras formas de saber.

Pensadores decoloniais, como Aníbal Quijano e Walter Dignolo, argumentam que o colonialismo não se restringiu à dominação territorial e econômica, mas também implicou a imposição de uma hierarquia epistêmica, em que o conhecimento europeu foi considerado superior e universal. A colonialidade do saber perpetua essa lógica, desqualificando e marginalizando epistemologias não ocidentais, como situa Dignolo

A diferença colonial (imaginada no pagão, no bárbaro, no subdesenvolvido) é um lugar passivo nos discursos pós-modernos. O que não significa que seja um lugar passivo na modernidade e no capitalismo. A visibilidade da diferença colonial, no mundo moderno, começou a ser percebida com os movimentos de descolonização (ou independência) desde fins do século XVIII até a segunda metade do século XX. A emergência da idéia de “hemisfério ocidental” foi um desses momentos. (Mignolo, 2003, p. 37)

A noção de *douta ignorância*, ao promover o reconhecimento da incompletude do próprio conhecimento, oferece uma abertura para a valorização da pluralidade epistêmica e para a desconstrução das hierarquias estabelecidas.

Jürgen Habermas, em sua teoria do agir comunicativo, propõe que a emancipação social e política pode ser alcançada por meio do diálogo racional, onde os participantes buscam o entendimento mútuo através da argumentação livre de coerções. O conceito do agir comunicativo está fundamentado na ideia de que o diálogo pode gerar consensos normativos baseados na razão, permitindo a construção de uma sociedade mais justa e democrática.

Ao conectar a teoria de Habermas com os conceitos de *douta ignorância* e a decolonialidade, surge a possibilidade de pensar o diálogo como prática decolonial. O agir comunicativo poderia ser visto como uma ferramenta para desconstruir as hierarquias epistêmicas e promover um diálogo intercultural que valorize as diferentes formas de conhecimento. No entanto, para que isso seja possível, é necessário que os participantes do diálogo reconheçam suas limitações epistemológicas, ou seja, que pratiquem a *douta ignorância*. Somente ao reconhecer que nenhum saber é absoluto é que se pode criar um espaço genuíno de comunicação e entendimento mútuo.

E assim, por esse dialogismo, do saber do não saber infinito, compreendermos a informação e o conhecimento como resultado de um espaço e de um tempo e, por essa razão, limitado e produzido para responder a questões práticas que motivaram sua produção. Mas, ao mesmo tempo, revelador de novos caminhos que levarão a novos conhecimentos e informações, nesse sentido, ser *douto do que ignoramos* irá nos levar a virtude de mantermo-nos abertos a produção do conhecimento.

Como sugere a criação do GT 12 “Informação, Estudos Étnico-raciais, Gênero e Diversidades” — na Assembleia Geral da ANCIB, que ocorreu na XXI a edição do ENANCIB, mais precisamente, outubro de 2021. Esse movimento retoma a discussão sobre a influenciada hermenêutica filosófica nos movimentos decoloniais, pois evidencia a historicidade incidindo sobre as interpretações do mundo e ampliando as possibilidades de compreensão das realidades, posto que a criação do GT está ligada a compreensão de uma nova cultura e uma nova interpretação sócio-histórica. Movimento indicativo de que "a

possibilidade de que o outro tenha razão é a alma da hermenêutica" (Gadamer apud Grondin, 1991) e que "a essência do comportamento hermenêutico consiste em não se guardar nunca, para si, a última palavra" (Gadamer apud Almeida, Flickinger, & Rohden, 2000).

Trago o exemplo da criação do GT 12 para demonstrar que a sociedade está atuando nas esferas públicas e cumprindo seu papel de estabelecer consensos e dissensos e retroalimentando a política. Apesar da hipertrofia dos meios, dinheiro e poder, na sociedade capitalista neoliberal financeirizada.

4 CONCLUSÃO

A articulação entre a douta ignorância de Nicolau de Cusa, a decolonialidade e o agir comunicativo de Habermas oferece uma rica perspectiva para pensar a emancipação social e epistemológica em contextos pós-coloniais. A douta ignorância nos ensina a humildade epistemológica, essencial para desconstruir as hierarquias coloniais de saber e valorizar a pluralidade de epistemologias. Por sua vez, o agir comunicativo oferece uma via prática para a realização de um diálogo intercultural que promova a justiça e a democracia.

Essas conexões mostram que o caminho para a emancipação exige tanto um reconhecimento das limitações do conhecimento quanto uma prática comunicativa que busque o entendimento mútuo, abrindo-se para uma prática hermenêutica filosófica que efetivamente interprete o mundo da vida pela facticidade e historicidade. Refletindo uma sociedade verdadeiramente pluralista, onde diferentes formas de saber coexistam e contribuam para a construção de um mundo com maior capacidade interpretativa mais complexa.

Ao reconhecer as limitações inerentes ao conhecimento humano, os bibliotecários podem adotar uma postura crítica e reflexiva em relação ao papel das bibliotecas na sociedade, qual seja, espaços de naturalização da diversidade e do pluralismo. Esse reconhecimento não diminui a importância do trabalho biblioteconômico, mas, ao contrário, enriquece-o, ao reconhecer a falibilidade, a perecibilidade, a efemeridade e a mutabilidade dos saberes constituídos historicamente e socialmente. A humildade epistemológica e a abertura para o diálogo contínuo sobre as fronteiras do saber promovem a infalibilidade, a imperecibilidade, a perenidade e a imutabilidade do processo humano de construção de saberes e conhecimentos, numa perspectiva de saberes e conhecimentos como produto do contínuo diálogo e troca humana.

Na sociedade contemporânea na qual a circulação frenética de dados e de informações é um ativo importante para o capitalismo financeiro, o conceito de douta ignorância pode ser

uma ferramenta filosófica essencial para guiar os profissionais da informação em seu papel de mediadores do conhecimento. Ao aceitar que o conhecimento é sempre parcial e provisório e que o seu estabelecimento é político, os bibliotecários podem desempenhar suas funções com maior sensibilidade e responsabilidade, promovendo um acesso mais equitativo e consciente aos conhecimentos produzidos.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, C.L; FLICKINGER, H.G; ROHDEN, L. **Hermenêutica filosófica**: nas trilhas de Hans-Georg Gadamer. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.

ANDRÉ, João Maria. Introdução. *In*. CUSA, Nicolau de. **A visão de Deus**. 4. ed. Lisboa/Portugal: Fundação Calouste Gulbenkian, 2012, p. 79-131.

BUCKLAND, Michael. **Information and society**. Cambridge: MIT Press, 2017.

CUSA, Nicolau. **A douda ignorância**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.

GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e método I**: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. 7.ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

GRONDIN, J. “**Einführung in die Philosophische Hermeneutik**”. Darmstadt: Wiss. Buges., 1991.

HABERMAS, Jürgen. **Teoria do Agir Comunicativo**. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

KUSCH, Martin. **Linguagem como cálculo versus linguagem como meio universal**. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2001.

MIGNOLO, Walter. A colonialidade de cabo a rabo: o hemisfério ocidental no horizonte conceitual da modernidade. *In*: LANDER, E. (org.). **A colonialidade do saber**: eurocentrismo e ciências sociais, 2005.

QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. *In*: QUIJANO, Anibal. **A colonialidade do saber**: eurocentrismo e ciências sociais, perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 117-142.

RODRIGUES JUNIOR, Luiz Rufino. **Pedagogia das encruzilhadas**. Periferia, [S. l.], v. 10, n. 1, p. 71–88, 2018. DOI: 10.12957/periferia.2018.31504. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/periferia/article/view/31504>. Acesso em: 20 ago. 2024.

TEIXEIRA, Lívio. Nicolau de Cusa. Estudos dos quadros históricos em que se desenvolveu seu pensamento e análise dos livros I e II do “De Docta Ignorantia” (Conclusão). **Revista de História**, São Paulo, v. 3, n. 7, p. 71–84, 1951. DOI: 10.11606/issn.2316-9141.v3i7p71-84. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/35012>. Acesso em: 27 ago. 2024.